

A Escolha da Guerra Civil: uma outra história do neoliberalismo¹

Pierre Dardot, Haud Guéguen, Christian Laval y Pierre Sauvêtre

São Paulo, Elefante, 2021, 364 pp.

Marylu Alves de Oliveira

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil

Email: marylu.oliveira@gmail.com

O livro *A Escolha da Guerra Civil: uma outra história do neoliberalismo* surgiu como resultado de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudo sobre Neoliberalismo e Alternativas (GENA) acerca dos governos antidemocráticos e de Direta na contemporaneidade. Assinado pelos autores Pierre Sauvêtre, Christian Laval, Haud Guéguen e Pierre Dardot, a obra tem como traço fundante seu caráter interdisciplinar, onde se objetiva, através de várias instâncias de saber, analisar as metamorfoses do neoliberalismo e suas variações estratégicas. O impulso para o interesse da pesquisa coletiva partiu das eleições dos presidentes dos Estados Unidos, Donald Trump, em 2016, e do Brasil, Jair Bolsonaro, em 2018, e da ascensão de modelos de governos autoritários, racistas e nacionalistas imersos em uma lógica neoliberal que se fortalecem atualmente. Lançando em abril de 2021 na França, o livro teve destino diferente de outros estudos e pesquisas que delongam a adentrar no mercado editorial brasileiro, tendo a rápida tradução sido realizada pela pesquisadora Márcia Pereira Cunha, membra do grupo anteriormente mencionado, GENA, sendo publicado pela editora Elefante em fins desse mesmo ano.

Apesar da atenção dos autores se voltar para a contemporaneidade e as consequências futuras das ações do neoliberalismo, há um embasamento histórico importante para as suas análises. O livro traça o percurso dos Estados europeus após o fim da Segunda guerra mundial e ressalta a intensa presença de políticas públicas de bem-estar social naqueles países no pós-1945. Tais políticas acabaram se tornando um entrave para a expansão do sistema capitalista liberal e para manter o controle dessa expansão constante a resposta que o neoliberalismo encontrou foi a escolha pela guerra civil. Essa alternativa se direciona no sentido de minorar a expansão dos direitos civis e para a manutenção do poder de um determinado grupo ligado aos grandes setores financeiros. O ponto de partida de compreensão dessas ações são os modelos de governo analisados na obra: Ronald Reagan nos Estados Unidos, Margaret Thatcher no Reino Unido e do General Augusto Pinochet no Chile.

É necessário ressaltar que o conceito de guerra civil que os autores adotam não se refere ao seu sentido clássico utilizado na Ciência Política, a saber, de grupos armados lutando

¹ Tradução de Márcia Pereira Cunha

dentro de um mesmo espaço geográfico ou pelo mesmo espaço. A acepção empregada pelos autores passa a ser vinculada ao neoliberalismo, estando, portanto, ligada à três pontos específicos: ataque direto aos direitos civis; diferentes estratégias de ações para impor-se, e, por último, aliar-se às oligarquias locais, tendo como alvo de ataques coletivos populacionais.

Por ser uma estratégia, - e o termo estratégia emerge na obra em um sentido foucaultiano, associado a ideia de um conjunto de procedimentos utilizados em meio aos confrontos para privar o adversário de lutar com seus meios de combate, no sentido de enfraquecê-lo ou destruí-lo - o sentido unificador das várias ações e projetos neoliberais é a sacralização de um conceito de liberdade, no entanto, a lógica da liberdade neoliberal assegura de uma forma plena apenas o consumo e o empreendedorismo, promovendo, por sua vez, uma forte desagregação dos laços comunitários entre grupos diversos. Nesse sentido, houve nesses modelos apontados (EUA, Reino Unido e Chile) a construção de um Estado que promovesse as normas do mercado e ao mesmo tempo o autoritarismo, fazendo, portanto, com que a lógica neoliberal se estabelecesse indiferente à regimes ditos democráticos ou ditatoriais.

Um capítulo específico deve ser ressaltado na obra. Em Chile, a primeira contrarrevolução neoliberal os autores apontam para uma trinca que mostra, em medida global, a emergência do "crédito" ao neoliberalismo centrada nas figuras do ditador Chileno Augusto Pinochet, da chamada "Dama de Ferro" Margaret Thatcher e do prêmio Nobel de economia Friedrich Von Hayek. Segundo os autores, houve uma série de episódios e discursos que ajudaram na construção dessa percepção. Hayek mencionou por várias vezes, por exemplo, à primeira-ministra britânica o caso positivo dos "amigos chilenos", intimando-a a seguir o modelo daquele país. Nesse sentido, os autores marcam um caminho aberto pelo exemplo do Chile para uma estratégia neoliberal global. Analisando a obra *Nuestro Camino*, que pode ser considerado o livro que apresenta a ideologia da junta militar que assumiu o exercício do poder político no Chile, os autores apontam para o que nela refletiu o percurso ideológico na construção da estratégia da guerra civil para o neoliberalismo implementado naquele país.

Para os intelectuais que se dedicaram ao estudo da emergência do neoliberalismo no Chile havia, em primeiro lugar, as fontes filosóficas ultraconservadoras do pensamento europeu, que podem ser reconhecidas na figura do advogado e conselheiro de Pinochet Jaime Guzmán; em segundo lugar, os autores destacam a Doutrina de Segurança Nacional que elegeu o inimigo a ser combatido, o comunismo, que justificou o golpe e deu sustentação ao exercício e a permanência do poder da junta militar; e, por último, a terceira corrente foi o pensamento neoliberal "trazido" ou implementado em grande medida pelos Chicago Boys. O resultado dessa junção foi um Estado forte e capaz de exercer de forma autoritária os desejos do mercado, como também apropriado para operar uma transformação não apenas nas relações econômicas, mas, sobretudo na raiz das relações sociais, que passaram a ser organizadas pela lógica do capital financeiro. Por último, no que se refere à ques-

tão ideológica do neoliberalismo chileno, deve-se ressaltar o papel importante que teve a ideia de “despolitizar” a economia, submetendo a sociedade a uma constituição de direito privado e à ordem do mercado.

É necessário, entretanto, observar que os autores não pretendem potencializar a ideia de que o Chile foi um “laboratório” neoliberal, de forma alguma eles acreditam nessa questão. Essencialmente, os intelectuais argumentam que não se pode fazer do neoliberalismo um modelo único que passou a ser aplicado tal como no caso chileno, devendo-se levar em conta as especificidades nacionais e os contextos de cada um dos países onde este foi adotado. Nesse sentido, é latente, por exemplo, conhecer como cada Estado elege seus “inimigos” a combater e qual noção de “liberdade” que deve prevalecer para trilhar a estratégia de combate, portanto, mudam os sentidos em razão dos contextos e dos países, não se modificam a lógica da concorrência e de um modelo social pautado no mercado financeiro.

A escolha da Guerra civil é um livro que se faz necessário no cenário político mundial atual, como uma tentativa legítima de compreender o terreno hostil e feroz em que se desenvolve o neoliberalismo e as suas estratégias. Ressalta-se, para finalizar, um aspecto que os autores enfatizam na introdução da obra no que se refere à lógica beligerante do neoliberalismo: “o que aparece ao se puxar esse fio não é neoliberalismo ‘novo’ ou ‘degenerado’, mas a face mais sombria de sua história, a lógica dogmática implacável que não hesita em relação aos meios empregados para enfraquecer e, se possível, destruir seus inimigos”.